

Tempo para família no intervalo da campanha

Com a vaga garantida no segundo turno, Collor aguarda a proclamação oficial do resultado das urnas em casa, dedicando seu tempo à família e a meditar sobre as alianças que pretende firmar na fase decisiva das eleições. No início da tarde de ontem, Collor saiu acompanhado por poucos assessores, atravessou a rua e dirigiu-se à biblioteca da família, construída no terreno em frente à sua casa no Lago Norte, que abriga cerca de 60 mil livros.

— Senti necessidade de vir aqui. Um lugar onde venho sempre que preciso meditar ou relaxar. Escolho um título, leio um pouco, coisa que desde o início da campanha fi-

cou difícil de fazer.

Com bom humor, Collor fez a festa dos fotógrafos e cinegrafistas. Posou para as fotos fazendo com os dedos o sinal da vitória, passeou pelos jardins e pomar detendo-se a cada passo para admirar as flores e frutas, brincou com uma câmara de televisão da equipe do Globo Repórter, deu entrevistas diversas vezes, autógrafos e não deixou de alfinetar seu adversário político, o Presidente José Sarney.

— Esta vai ser a biblioteca presidencial? — indagou um repórter.

— E, vai ser — admitiu.

E completou logo:

— Mas asseguro que não existe aqui exemplar da obra de Sarney.

— E o “Príncipe” de Maquiavel, tem? — perguntou um jornalista.

— É claro. Trata-se de um clássico. Temos a obrigação de ler os clássicos da literatura. O que não significa que a gente siga os preceitos ali contidos — arrematou.

Collor aproximou-se de uma das estantes e pegou um livro ao acaso.

— Olha só. Peguei “Como se faziam presidentes”, do Dunshee de Abranches — comentou rindo.

E continuou:

— A casa é bem antiga. Me sinto bem aqui. Funciona como um refúgio. Poucas pessoas conheciam este lugar. Venho aqui em busca do passado, das minhas raízes.